



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS IV- UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**FAGNA DE SOUZA LIMA**

**A ORALIDADE EM POEMAS DE PATATIVA DO ASSARÉ**

**CATOLÉ DO ROCHA-PB  
2014**

FAGNA DE SOUZA LIMA

**A ORALIDADE EM POEMAS DE PATATIVA DO ASSARÉ**

Artigo apresentado ao componente curricular Trabalho Acadêmico Orientado, como pré-requisito para obtenção do título de Graduação do Curso de Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba – CAMPUS IV.

ORIENTADOR: Prof. Dr. João Irineu de França Neto

CATOLÉ DO ROCHA-PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732o Lima, Fagna de Souza.  
A oralidade em poemas de Patativa do Assaré [manuscrito] : /  
Fagna de Souza Lima. - 2014.  
36 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e  
Agrárias, 2014.  
"Orientação: Prof. Dr. João Irineu de França Neto,  
Departamento de Letras e Humanidades".

1. Oralidade. 2. Poesia. 3. Variedades Linguísticas. 4.  
Nordeste. I. Título.

21. ed. CDD 469.07

**FAGNA DE SOUZA LIMA**

**A ORALIDADE EM POEMAS DE PATATIVA DO ASSARÉ**

**BANCA EXAMINADORA**

Artigo aprovado em 28 de novembro de 2014



Orientador Prof. Dr. João Irineu de França Neto – UEPB

Examinador:



Profa. Dra. Francinete Fernandes de Sousa  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Examinador:



Prof. Me. Francisco Vieira da Silva  
Doutorando em Linguística-PROLING/UFPB

**CATOLÉ DO ROCHA-PB**

2014

Á meu pai Fábio Lima que é minha força e fonte de inspiração. Que mesmo de longe, me apoiou e me incentivou nessa jornada. DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, que me manteve de pé até aqui, por ter me amparado nos momentos mais difíceis dessa caminhada, à minha família que torceu por mim em todos os momentos, me ajudando e me estimulando à prosseguir. Aos meus pais e irmãs que depositaram em mim a realização de um sonho. Aos meus tios Djunierison e Ednária que cuidaram de mim. Aos amigos e amigas em especial as colegas de graduação: Lurdinha, Priscila, Vanusa, Erlane, Auxilene, Luana e Dayanne que torceram pelas minhas vitórias, sempre acreditando que eu seria capaz de prosseguir, dando-me força nos momentos mais complicados pelo qual eu passei. Agradeço também as minhas amigas Kátia e Aline. Especialmente ao meu professor e orientador João Irineu que me apoiou, me aturou, fornecendo os materiais de estudo; pela dedicação e empenho em me ajudar, corrigindo cuidadosamente o meu trabalho. À banca examinadora por ter aceitado o convite, aos funcionários do campus UEPB. Enfim, sou grata a todos que de alguma forma puderam contribuir diretamente ou indiretamente para a conclusão do meu trabalho.

## A ORALIDADE EM POEMAS DE PATATIVA DO ASSARÉ

LIMA, Fagna de Souza.  
Licencianda em Letras, UEPB.

### RESUMO

Este trabalho consiste em uma análise de poemas de Patativa do Assaré, com o objetivo de demonstrar a presença da oralidade, levando em consideração as variedades linguísticas e a ideia do contínuo entre oralidade e escrita. Tomamos como principais referências os teóricos: Paul Zumthor, (1993) e Luiz Antônio Marcuschi, (2010), que discorrem sobre o assunto. O referido trabalho se pautou na análise de cinco poemas Patativanos, pois Patativa apresenta poemas que compõem a voz na perspectiva de compreender a presença oral e as variedades linguísticas que compõem a voz. Esperamos que este trabalho contribua no sentido de mostrar a importância da fala, evidenciando a identidade oral nos poemas de Patativa e representação do Nordeste.

**Palavras-chave:** Oralidade. Poesia. Variedades Linguísticas. Nordeste.

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, que é fruto de uma pesquisa bibliográfica, descritiva e qualitativa consiste em identificar as marcas da oralidade na poesia oral de Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva), levando em consideração as variedades linguísticas presentes na poesia oral e como elas estão associadas à cultura de raiz. Foram realizados uns levantamentos de elementos lexicais e fonéticos na poesia oral. Como elementos dessa poética, destacamos a representação da cultura popular, que por intermédio da voz ganha significado atribuído à realidade do sertanejo. Tivemos como objeto de estudo cinco poesias Patativanas selecionadas por temáticas, as quais mostram a presença da oralidade, variedades linguísticas e uma forte identidade da cultura sertaneja.

O objetivo geral desse trabalho é mostrar os vários fenômenos da oralidade que se manifestam na poesia, expondo a relação do contínuo entre oralidade e escrita, assim como evidenciar a presença de variedades linguísticas de diversos

níveis nas poesias de Patativa do Assaré. Tendo como principais bases teóricas: Paul Zumthor (1993) e Luiz Antônio Marcuschi (2010).

Espera-se que esta pesquisa contribua para uma discussão a fim de proporcionar uma reflexão da poesia oral como uma melhor representação da cultura popular, exibindo a importância da fala, valorizando nossa cultura e atribuindo significado ao mundo. Iniciamos o trabalho com as definições sobre a oralidade e escrita; em seguida sobre poesia oral e poesia escrita. Logo após discutimos sobre as variedades linguísticas. Seguimos com a contextualização de Patativa do Assaré e por último a análise dos poemas com marcas de oralidade.

## **2 ORALIDADE E ESCRITA**

### **2.1 Oralidade e Escrita: o Uso da Língua**

Quando falamos em oralidade e escrita, logo nos vem a ideia da voz e das letras. O uso oral e escrito não se reduz à voz e à letra, visto que a intenção comunicativa deve ser a causadora do entendimento de um diálogo. De acordo com Marcuschi (2010, p.9) “Portanto, é a intenção significativa que funda o uso da língua e não a morfologia ou a gramática”. Assim sendo, o uso da fala e da escrita precisa se adequar às regras da língua para a obtenção de um discurso significativo. O autor apresenta a oralidade e escrita como um processo contínuo e não como dicotômico como muito é apresentado, pois elas não se opõem e sim se completam como um processo interativo e dinâmico, propiciando maleabilidade a quem usa a língua, lembrando que usamos os artifícios orais e escritos nas mais variadas situações do cotidiano.

Sabe-se de fato que a escrita no conceito social se sobrepõe à fala, ocorrendo um equívoco, pois ambas se completam; a escrita não é melhor do que a fala, como também a fala não é melhor do que a escrita. As duas são modalidades da língua, são práticas sociais corriqueiras do dia a dia, sendo que uma é o apoio da outra. Nesse sentido Marcuschi (2010, p.17) afirma que: “[...]seria possível definir o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve”. Este fato não implica dizer que a oralidade tem mais importância que a escrita e sim que o ser



humano antes de aprender a escrever já falava, porque a aquisição da fala antecede a escrita, mas as duas modalidades interagem.

## 2.2 Representação da Língua

Marcuschi (2010) desfaz o equívoco de que a escrita representa a fala, uma vez que tanto a fala como a escrita representam a língua, isso por que “A escrita não pode ser tida como uma representação da fala... Em parte, porque a escrita não consegue produzir muitos fenômenos da oralidade”. (MARCUSCHI 2010, p.17). Ou seja, a oralidade possui elementos como a prosódia, entonação da voz, a gestualidade, o ritmo, o sotaque, etc. Enfim, são artifícios que a escrita não consegue acompanhar, mas isso não faz dela menos importante, pois utiliza-se de outros elementos próprios para representar a língua como o uso de recursos gráficos, imagens, letras cores etc.

Diante do exposto, fica claro que ambas as partes estão inseridas no processo contínuo, cada uma com sua característica própria mas que juntas representam a língua causando o efeito de sentido. Podemos perceber também que não falamos como escrevemos e não escrevemos como falamos, visto que a fala apresenta muitas variações e formas de realização, Mas também exige formalidade em algumas situações mais formais, já a escrita segue um padrão, que em determinadas situações comunicativas são moldadas pela formalidade da linguagem. A oralidade e escrita não se definem apenas através dos sons e grafias, mas constituem na eficácia do sentido comunicativo.

Sobre a cronologia em relação a oralidade e escrita, Marcuschi (2010, p.17) diz que: “Se é bem verdade que todos os povos, indistintamente, têm ou tiveram uma tradição oral, mas relativamente poucos tiveram uma tradição escrita”. Esse fato mostra a antecedência da oralidade sobre a escrita, e que esta é muito recente, sendo que, nem toda tradição oral possui representação escrita. Em relação ao uso oral, utilizamos de forma mais espontânea, naturalmente e que se adapta as diferentes situações, sejam elas formais ou informais. Segundo Marcuschi (2010, p.25) “A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora”. Com base no argumento exposto, entende-se que a oralidade é mais descontraída, por estar ligada a realidade da voz, por isso sofre com o desprestígio social que é

imposto pela sociedade, enquanto que a escrita quase sempre segue uma regra padrão nos usos mais formais da grafia, sejam na escola, jornais, trabalhos acadêmicos e revistas, como mostra Marcuschi (2010, p. 26) “A escrita seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracteriza por sua constituição gráfica”. Portanto, a modalidade da língua no que se refere à norma culta torna-se socialmente prestigiada, lembrando sempre que nenhuma modalidade tem mais significância que a outra e ambas possuem valores e práticas comunicativas em relação ao uso da língua, ou seja, uma é a representação gráfica(escrita), a outra é a representação fônica (fala); as duas modalidades representam a língua de forma intensa e significativa.

### 2.3 Entre a Fala e a Escrita

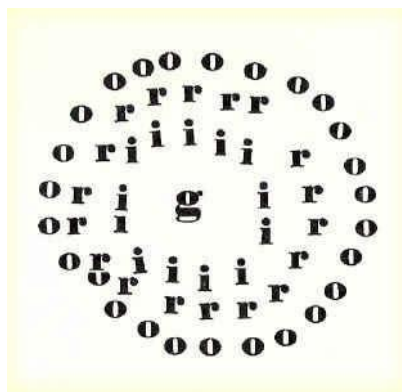
Na escrita, o texto precisa possuir coerência e concisão, visando o entendimento do leitor, enquanto que a fala é realizada de forma mais despojada, solta, mas que também apresenta formalidade em determinadas ocasiões e, nem por isso, afeta o entendimento do diálogo. O que proporciona a comunicação seja oral ou escrita é o efeito do sentido, ou seja, o entendimento do diálogo. De acordo com Marcuschi (2010, p.9) “[...]falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido numa dada situação”. Sendo assim, as duas modalidades utilizam seus artifícios para dar significado a comunicação; não é apenas o ato de falar ou escrever, mas sim utilizar-se dos recursos paralinguísticos que mostram o que está embutido nas entrelinhas da língua. No caso da oralidade, existem elementos que só compõe a fala, como já foi exposto: a entonação da voz, os gestos, os movimentos corporais, enfim, tudo o que a escrita não consegue acompanhar. Tomando como exemplo, um diálogo entre duas pessoas:

— *Olha mulher, você gostou do meu vestido?*  
Então, a outra responde:  
— *Sim, gostei.*

Se nos determos somente ao argumento escrito, seria determinante que a resposta teria sido positiva. Mas suponhamos que a segunda interlocutora tivesse

feito uma expressão facial ou corporal negativa, mesmo tendo afirmado que sim, ela teria demonstrado através de gestos que não teria gostado do vestido. Esse exemplo mostra o quanto a oralidade tem eficácia, é expressiva e adapta-se as diferentes situações. Em relação a escrita, o interlocutor encontra-se ausente, mas o texto utiliza-se de representações gráficas, como já foram expostos: pontuação gráfica, o uso de imagens, cores, símbolos...tudo para tornar o texto mais real e expressivo, como nesse exemplo:

Poema concreto



Disponível em:

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=18835,,,sobre a imagem. Acesso em 15\09\2014>

Como foi mostrado no exemplo acima, a escrita utilizou recursos para tornar o texto escrito mais chamativo, causando um efeito de sentido ao ser lido. Nota-se que ao ler a palavra giro, o movimento causa o efeito da significância da palavra.

[...]é preciso fazer o texto falar... por escrito. A representação escrita do texto oral para recriar em palavras seus belos efeitos exige um empenho enorme e coragem para ousar, para transgredir normas de estabelecimento de textos e manter a pulsação viva da fala, ainda que por escrito.(AYALA, 2003, p. 114)

Diante disso, percebe-se um processo de interação entre a fala e a escrita, mesmo que cada uma possua sua forma de representar a língua e, ambas caminham juntas na produção do sentido, interagindo entre si, pois são práticas

sociais discursivas, presentes em nossas situações cotidianas, desfazendo a ideia dicotômica e pondo em evidência o contínuo.

### 3 POESIA ORAL E POESIA ESCRITA (INTRODUÇÃO A POESIA ORAL)

A poesia oral existe há muito tempo, o que nos remete a época do Trovadorismo, mas começou a ser reconhecida nos anos cinquenta por vários medievalistas. Esta, por sua vez, destina-se “à transmissão da boca ao ouvido” (ZUMTHOR,2003, p.7). Por muito tempo, a poesia oral sofreu uma grande rejeição e desconhecimento, pois, até então, a poesia escrita era tida como suprema. Mas o gosto pelo desconhecido provocou outros a trilharem o caminho da “velha” poesia oral, que por um longo período foi renegada. De acordo com Zumthor (2003, p.8): “[...] a poesia oral...havia sido durante um longo período renegada, ocultada, recalçada em nosso inconsciente cultural”.

De fato, a cultura intelectual carimba a poesia oral como um resto ou cultura popular, fazendo-a cair em descrédito em oposição a cultura dos “letrados”, fato que, nos dias de hoje, ainda ocorre com frequência, resultando num julgamento de valor. A poesia oral difere da poesia escrita pelo fato de ser transmitida sem o auxílio escrito e que poderá ser declamada ao ouvinte. Outra característica da poesia oral é o uso do improviso, criação na hora de ser realizada, tendo como fonte a memorização do poema. A performance também está inserida nesse processo que proporciona um cenário à voz, pois apresenta gestualidades, ritmos, entonações. Segundo Zumthor, 1993, p.9: “[...]somente a voz é concreta, apenas sua escuta faz tocar as coisas”.

Dessa forma, pode-se perceber que a oralidade nos poemas tem o poder de tocar, persuadir o ouvinte, ocasionando uma produção de sentido. A capacidade de transmissão através da voz faz com que a tradição oral seja mantida e perpetuada. A poesia oral não se define somente pela voz, mas tudo o que a acompanha, as articulações que a envolve, atingindo assim o objetivo comunicativo. Como diz Zumthor (1993, p.21): “Uma longa tradição de pensamento é verdade, considerada e valorizada a voz como portadora da linguagem já que na voz e pela voz se articulam as sonoridades significantes”. Podemos então destacar a atuação da voz como fonte de significados que são passadas para o receptor. A poesia oral está diretamente ligada à cultura popular, pois representa a cultura de um povo, incluindo as expressões naturais e espontâneas, onde o cantador improvisa o poema.

No contexto nordestino, é preciso recordar que a poesia popular inscreve-se na tradição oral dessa região do interior: um de seus principais agentes, o cantador, proveniente do meio rural e em geral analfabeto, improvisa ou narra, graças a memória prodigiosa. (SYLVIEDEBS, 2000,p.12-13)

Neste caso, o cantador participa ativamente do meio em que vive, representando através da sua voz a cultura da região, embalando nos poemas o seu sentimento, reforçando a naturalidade do canto, a sabedoria popular e o comportamento moral de seus costumes que, remetem a originalidade dos fatos narrados, sem perder a simplicidade com que são expostos.

#### **4ORALIDADE E VARIEDADES LINGUÍSTICAS**

O termo variedades linguísticas implica dizer que em nossa língua e em todas as outras existem várias formas de pronunciar uma palavra, de significados para as palavras, de estruturas sintáticas etc. Como o Brasil é muito grande, ocorrem inúmeras variações, que são influenciadas de acordo com a faixa etária, grau de escolaridade, classe social, ambiente de trabalho, enfim, usamos inúmeros fonemas com o mesmo significado para atribuir a uma palavra. Dessa forma, esse processo é chamado de variação linguística. A ocorrência de tal processo se dá pela presença de uma variável, que é o conjunto de variantes. Em consonância com Martelotta (2011, p.142) “O termo "variante" é utilizado para identificar uma forma que é usada ao lado de outra na língua sem que se verifique mudança no significado básico”.

Como podemos verificar no exemplo abaixo:

variável

flor>variante

fulô>variante

frô>variante

Diante do exposto, várias formas de dizer uma palavra foram mencionadas sem que, houvesse nenhuma mudança de significado. O exemplo acima é de uma

variante fonético-fonológica, pois se constata diversas pronúncias, que são representadas de modo diferente na escrita, mas o significado continuou o mesmo. Entretanto, a variação ocorre em todos os níveis da língua. Desse modo, as variantes podem variar semanticamente, fonologicamente, lexicalmente, morfologicamente e sintaticamente.

Nesta ótica, de acordo com o ponto de vista linguístico, não existe uma forma melhor ou mais correta de pronunciar a palavra. É levado em consideração tudo o que é falado e proporcione interação entre os falantes. Contudo, no conceito social as variantes que mais se aproximam da norma padrão são mais aceitas socialmente, já as que se distanciam dessa norma padrão são vítimas de preconceito linguístico, por não se adequarem à língua culta. Todas as variedades são de suma importância para a língua e, saber usá-las nas mais diferentes situações proporciona maior interação. Martelotta, (2011, p.141):“Em outras palavras, a variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos...e por fatores extralinguísticos”

Percebe-se então que as variações da língua podem ocorrer devido a vários fatores como: diferenças regionais, classe social, escolaridade, gírias, sotaques, formalidade, informalidade entre outros. De acordo com Martelotta (2011, p.145) “O contexto situacional é responsável por uma série de variações linguísticas”. Além disso, o processo histórico contribui para a mudança, desuso e surgimento de algumas palavras, uma vez que a língua está sempre em movimento, pois ela se modifica numa velocidade incontrolável e aos poucos novos elementos linguísticos vão dando uma nova forma ao nosso vocabulário.

## 5 A POÉTICA DE PATATIVA DO ASSARÉ: CONTEXTUALIZAÇÃO

Patativa do Assaré, cujo nome é Antônio Gonçalves da Silva, nasceu em 5 de março de 1909 em uma pequena propriedade rural de Assaré, no estado do Ceará. Patativa foi o segundo filho de um agricultor, ficou órfão de pai aos 8 anos de idade e, com isso, teve de ajudar sua família com o trabalho na roça. Desde cedo, ouvia seus familiares lerem cordel, o que provocou no poeta o gosto pela poesia levando o mesmo a iniciar a produção de versos. Antônio Gonçalves da Silva, segundo Sylvie Debs (2000), disse que nunca precisou escrever nenhum verso, pois guardava tudo na memória; mesmo sem estudos sabia fazer poesia com rima.

Patativa representa a tradição popular com suas cantigas sertanejas. Muito modesto, leva a voz ao mais profundo dos sentimento. Pode-se identificar facilmente a naturalidade em seus poemas e que, mesmo sendo semianalfabeto, construía poemas que não deixam a desejar a nenhum leitor estudado, como no poema “Cante lá que eu canto cá”:

*Poeta, cantô de rua,  
Que na cidade nasceu,  
Cante a cidade que é sua,  
Que eu canto o sertão que é meu.*

*Se aí você teve estudo,  
Aqui, Deus me ensinou tudo,  
Sem de livro precisá  
Por favô, não mêxa aqui,  
Que eu também não mexo aí,  
Cante lá, que eu canto cá.*

Sua poesia representa a aflição de um povo sertanejo e sofrido em meio a tantas amarguras e a falta de chuva. Patativa sempre teve a disposição de cantar e improvisar seus versos, fazendo sua poesia falar através da simplicidade a que é exposta. Aborda temas do cotidiano sertanejo e experiências de vida.

Toda a sua obra está associada à cultura nordestina. Sua poesia teve influência de trovadores, repentistas, violeiros e da literatura de cordel. O eco da sua



voz através da poesia objetiva representar a luta de um povo sofrido em meio à tristeza, batalhas e alegria de serem nordestinos. É através da voz do poeta que são encontrados os ecos do sofrimento e também da alegria do povo sertanejo, pois os poemas de Patativa funcionam como protesto em busca de adquirir uma vida digna para o povo do sertão. Seus poemas relembram o enraizamento do homem sertanejo, o qual é bastante ligado a sua terra, sua cultura; atuando de forma muito forte em seus princípios que representa toda a autenticidade e identidade do sertão como no poema “Sou cabra da peste”:

*Eu sou de uma terra que o povo padece  
Mas nunca esmorece, procura vencê,  
Da terra adorada, que a bela cabôca  
Com riso na bôca zomba no sofrê.*

*Não nego meu sangue, não nego meu nome,  
Olho para fome e pergunto: o que há?  
Eu sou brasileiro fio do Nordeste,  
Sou Cabra da Peste, sou do Ceará.*

*Tem munta beleza minha boa terra,  
Derne o vale à serra, da serra ao sertão.  
Por ela eu me acabo, dou a prope vida,  
É terra querida do meu coração.*

## **6 ANÁLISE DE POEMAS PATATIVANOS COM MARCAS DA ORALIDADE**

A poesia de Patativa do Assaré está associada à cultura de raiz da região nordeste. O poeta apresenta seus poemas no intuito de denunciar as mazelas de sua região. Seus poemas repercutem as denúncias sociais, falam sobre um povo que vive em meio à miséria, mas que mesmo assim permanecem de pé. Com sua linguagem simples, Patativa toca o mais profundo dos sentimentos do leitor. Segundo Carvalho (2004, p.11) "Patativa nos faz ouvir aquilo que gosta de dizer", pois o traço mais marcante em seus poemas é a presença da oralidade, que

expressa o sentimento e o interior das pessoas que vivem nesta realidade, em meio à falta de inverno, sofrendo com a fome. Como no poema “A triste partida”:

*Setembro passou, com outubro e novembro  
Já tamo em dezembro.  
Meu Deus, que é de nós?  
Assim fala o pobre do seco Nordeste,  
Com medo da peste,  
Da fome feroz.*

Esta estrofe representa a realidade e o sofrimento de um povo, mas através da voz Patativana ganha forte expressão. Em toda a sua poética, é perceptível a demonstração da voz através do escrito. Ora, quando falamos de poesia oral em Patativa do Assaré, implica dizer que, o recurso utilizado é a língua falada e seus poemas estão repletos de verbos que representam a voz. No poema acima, Patativa evidencia a voz com o pedido de socorro no verso: “Meu Deus, que é de nós?”. Seus poemas estão repletos de verbos que exaltam a voz, assim como no poema “Eu e o sertão”:

Sertão, argúem te cantô,  
Eu sempre tenho cantado  
E ainda cantando tô,  
Pruquê, meu torrão amado,  
Munto te prezo, te quero  
E vejo qui os teus mistero  
Ninguém sabe decifrá.  
A tua beleza é tanta,  
Qui o poeta canta, canta,  
E inda fica o quicantá.

Os verbos como cantar, falar, ouvir são recorrentes na poesia Patativana, pois os verbos são marcas da oralidade que expressam o movimento da voz, na produção do poema. Carvalho (2004) ressalta a importância da voz nos poemas de

Patativa, como uma produção para ser lida em voz alta, ou seja, cantada, uma vez que utiliza-se de elementos performáticos.

Outro traço marcante na poesia Patativana é o fato de ela ser cantada, ou seja, sonorizada. Para Zumthor (1993, pg.36): “Os textos musicalmente notados...manifesta a existência de uma ligação habitual entre a poesia e a voz”. A musicalidade revela a presença da voz, sendo assim consiste numa forte característica oral. Este índice é bastante perceptível em Patativa à medida com que os poemas são expostos, assim como se observa nos versos do poema “A triste partida”:

(...)

No dia seguinte, já tudo enfadado,  
E o carro embalado,  
Veloz a corrê  
Tão triste, coitado, falando, sodôso,  
Um fio choroso  
Escrama, a dizê:

(...)

Os verbos chorar, falar e exclamar, presentes na estrofe anterior, dão ênfase à obra oral, de modo que, o poema pareça ser falado e não escrito, ou seja, a oralidade está presente no ato de pensar até o momento de recitar a poesia. Seus poemas foram feitos para serem declamados em voz alta em meio a multidões.

Os poemas de Patativa estão tão ligados à oralidade, que percebemos todos os aspectos da voz, inclusive a presença das variações linguísticas que estão constantemente presentes em sua poética, contendo a eliminação de letras nas palavras, a fim de representar aspectos fonético-fonológicos. Podemos identificar os aspectos fonéticos-fonológicos no poema *O Poeta da Roça*:

Sou fio das mata, cantô da mão grossa  
Trabaio na roça, de inverno e de estio  
A minha chupana é tapada de barro  
Só fumo cigarro de paia de mio

Sou poeta das brenha, não faço o papé  
 De algum menestrê, ou errante cantô  
 Que veve vagando, com sua viola  
 Cantando, pachola, à percura de amô

Ocorreram eliminações de letras em algumas palavras do poema, como uma forma de representação gráfica da variação fonético-fonológica. Um dos processos que se constata acima é a vocalização, ou seja, um fenômeno de variação linguística que substitui a consoante por uma vogal, representado pelas palavras (palha) e (milho), onde ocorreram as variações (paia) e (mio). Os grafemas "lh" de cada palavra sofreram modificações para o grafema "i". Tal forma de escrita tem a finalidade de representar a variação linguística de substituição consoante palatal [λ], pela semi-vogal [i].

No entanto, essa característica não diminui a grandeza de obra Patativana. Muito pelo contrário, pois é na simplicidade da fala de Patativa que percebemos a essência e significado de suas poesias. Uma vez que o poeta desenvolve sua poesia atribuindo significado e expressividade à fala, além de traduzir o mundo com a voz, representando sua cultura, seus poemas são transmitidos de dentro para fora, proporcionando uma comunicação espontânea sem comprometer o entendimento do leitor. Na sua poesia, percebe-se a importância da comunicação com simplicidade, despreendendo-se da norma padrão. Patativa quebra tabus a respeito da linguagem, levando em consideração que não é a letra que está em evidência, mas sim a voz. Sendo assim, revela que é na voz que percebemos toda a força de expressão e significação. Outro fato que liga a poesia de Patativa à oralidade é a presença de sinais de interrogações como "já ôto pergunta: Mãezinha, e meu gato?" (*A triste partida*), assim também como saudação, que se encontra no título do poema (saudação ao Juazeiro do Norte) e invocações direcionadas ao receptor como: "seu moço, eu peço perdão" (*O puxadô de roda*). Todos esses atributos estão associados à voz, fato este que consagra a poesia Patativana como porta voz da cultura popular nordestina.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, ressaltamos a presença da voz nos poemas de Patativa do Assaré, como representação da fala da cultura popular, em especial do nordeste. Destacamos ainda a concepção de que nem a voz nem a escrita sejam mais importantes uma em relação a outra.

As análises aqui apresentadas são de caráter parcial. Neste caso, não se fecham as possibilidades de muitas outras leituras no que diz respeito a outros referenciais teóricos e até mesmo ao nosso referencial que serviu de base para o desenvolvimento do nosso estudo.

Propomo-nos a responder o problema da pesquisa sobre a oralidade em poemas de Patativa do Assaré, identificando as marcas da oralidade recorrentes nos poemas Patativanos, uma vez que realizamos o levantamento da presença da voz em seu poemas. Por fim, a cultura nordestina, o povo sertanejo e a fala são representados através da voz de Patativa do Assaré, que ganha grande repercussão e forte identidade oral.

### ABSTRACT

This paper is an analysis of the poems Patativa do Assaré, aiming to demonstrate the presence of orality, taking into account the linguistic varieties and the idea of the continuum between orality and literacy. We take as the main theoretical references: Paul Zumthor, *The Voice and Lyrics* (1993) and Luiz Antônio Marcuschi, *People Talking To Writing: Activities retextualization* (2010), which discussed the subject. That work was based on an analysis of five poems Patativanos, in order to understand the presence and oral language varieties that make up the voice. We hope this work will contribute towards explaining the importance of speech, which can later be applied in language teaching, especially in schools, becoming stronger oral identity and representation in the northeast.

**Keywords:** Orality. Poetry. Linguistic Varieties. Northeast.

## REFERÊNCIAS

ASSARÉ, Patativa do. **Antologia Poética**. Organização e prefácio de Gilmar de Carvalho. 4. ed., Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

ASSARÉ, Patativa do. **Patativa do Assaré: uma voz do Nordeste**. Introdução e seleção Sylvie Debs, São Paulo: Hedra, 2000.

AYALA, Maria Ignez Novais. **Aprendendo a apreender a cultura popular**. In: PINHEIRO, Helder (Org.). Pesquisa em literatura. Campina Grande: Bagagem, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita: atividades de retextualização**. 10. ed., São Paulo: Cortez, 2010.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**, .2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a literatura medieval**. Tradução de Ferreira e Amálio Pinheiro. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

# **ANEXOS**

## Eu e o sertão

Sertão, arguém te cantô,  
Eu sempre tenho cantado  
E ainda cantando tô,  
Pruquê, meu torrão amado,  
Munto te prezo, te quero  
E vejo qui os teus mistero  
Ninguém sabe decifrá.  
A tua beleza é tanta,  
Qui o poeta canta, canta,  
E inda fica o quicantá.

No rompê de tua orora,  
Meu sertão do Ciará,  
Quando escuto as voz sonora  
Do sadoso sabiá,  
Do canaro e do campina,  
Sinta das graça divina  
O seu imenso pudê,  
E com munta razão vejo,  
Que a gente sê sertanejo  
É um dos maióprazê.

Sertão, minha terra amada,  
De bom e sadio crima,  
Que me deu de mão bejada  
Um mundo cheio de rima.  
O teu só é tão ardente,  
Que treme a vista da gente  
Nas parede de reboco,  
Mas tem milagre e virtude,  
Que dá corage, saúde  
E alegria aos teus caboco.

Acho mesmo que ninguém  
Sabe direito cantá  
Tanta beleza que tem  
Tuas noite de luá,  
Quando a lua sertaneja,  
Toda amorosa despeja  
Um grande banho de prata  
Pro riba da terra intêra  
E a brisa assopra manêra,  
Fazendo cosca na mata.

Sertão do Bumba Meu Boi  
E da armonca de oito baxo,  
O teu fio sempre foi  
Corajoso, Cabra Macho;



O tempo nunca destrói  
 A fama do teu herói  
 De pernêra e de gibão,  
 Caboco que não resinga  
 Corrê dentro da catinga,  
 Na pega do barbatão.

Tu é belo e é importante,  
 Tudo teu é naturá  
 Inualmente o diamante,  
 Ante de arguém lapidá.  
 Deste jeito é que te quero,  
 Munto te estimo e venero,  
 Vivendo assim afastado  
 Da vaidade, do orguio,  
 Guerra, questão e baruio  
 Do mundo civilizado.

Tu vevemunto esquecido  
 Dos meio da inducação,  
 Sempre, sempre tem vivido,  
 Sem escola e sem lição.  
 Teu mundo é bem pequenino,  
 Por isso do teu destino,  
 Da tua simplicidade  
 Nasce a fé e a esperança;  
 Tua santa inguinorança  
 Incerramunta verdade.

Rescordo com grande amô  
 O meu tempo de rapaz,  
 Tempo qui os ano levô  
 E os desengano não traz,  
 Quando toda noite eu ia  
 Cheio de doce alegria,  
 Sem infado do trabaio,  
 Uvi, de peito contrito,  
 As oração e os bendito  
 Das festa do mês de maio.

Uma singela bandêra  
 Bem no terrêro se via,  
 Homenagem verdadeira  
 Do santo mês de Maria,  
 Na sala inriba da mesa,  
 Uma quatro vela acesa  
 E de juêio no chão,

Uma muié paciente  
Lendo vagarosamente  
Com a cartia na mão.

Inquanto lendo seguia  
Aquela boa senhora,  
De quando in vez repetia  
Bonita jaculatória;  
Todo povo acompanhava  
E quando a mesma rezava  
Padre Nosso e Ave Maria,  
De contrição todas cheia  
Com suasvoz de Sereia,  
As caboca respondia.

– Neste mês de alegria,  
Tão lindro mês de frô,  
Queremo de Maria  
Celebrá o seu louvo. -

Sertão amigo, eu tô vendo  
Que os teus novo camponês,  
Hoje ainda tão fazendo  
Aquilo que os véio fez.

Que doce felicidade  
Eu gozei na mocidade,  
Nesta santa ingorfação!  
Quando se acabava Maio,  
Já começava os insaio  
Do santo mês de S. João.

Como o ricaço usuraro  
Guarda uma moeda de ôro  
Fiz do meu peito sacraro  
E guardei estes tesôro.  
E aqui, dentro do meu peito,  
Inda tá tudo perfeito,  
Não mudaro de feição  
As duas fotografia,  
Do santo mês de Maria  
E das festa de S. João.

Como é bom a vida intêra  
Passá contente e feliz  
Sem sabe das bagacêra  
De país contra país!  
Caro sertão inocente,  
Não fugiu de minha mente

E nem vai fugí tão cedo  
As diversão de advinha,  
Manêro pau, Cirandinha  
E muitos ôtro brinquedo.

Hoje sou véio e tô vendo  
Que já tô perto da morte,  
Mas porém, morro dizendo  
Qui fui caboco de sorte,  
Não dou cavaco in morrê,  
Somente por conhecê  
Qui há tempo tá reservado  
In tu, querido sertão,  
O meu quadrinho de chão  
Pra nele eu sê sipurtado.

E mesmo depois de morto,  
Mesmo depois de morrê,  
Ainda gozo conforto,  
Ainda gozo prazê,  
Pois, se é verdade que as arma,  
Mesmo as que vivero carma  
E acançaro a sarvação,  
Fica vagando no espaço,  
Os meus caracó eu faço  
Pro riba do meu sertão.

## **Cante Lá Que Eu Canto Cá**

Poeta, cantô de rua,  
Que na cidade nasceu,  
Cante a cidade que é sua,  
Que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo,  
Aqui, Deus me ensinou tudo,  
Sem de livro precisá  
Por favô, não mêxa aqui,  
Que eu também não mexo aí,  
Cante lá, que eu canto cá.

Você teve inducação,  
Aprendeu muntaciência,  
Mas das coisa do sertão  
Não tem boa esperiência.  
Nunca fez uma paioça,  
Nunca trabaçou na roça,  
Não pode conhecê bem,  
Pois nesta penosa vida,  
Só quem provou da comida  
Sabe o gosto que ela tem.

Pra gente cantá o sertão,  
Precisa nele morá,  
Têarmoço de feijão  
E a janta de mucunzá,  
Vivê pobre, sem dinhêro,  
Socado dentro do mato,  
De apragatacurrelepe,  
Pisando inriba do estrepe,  
Brocando a unha-de-gato.

Você é muito ditoso,  
Sabe lê, sabe escrevê,  
Pois vá cantando o seu gozo,  
Que eu canto meu padecê.  
Inquanto a felicidade  
Você canta na cidade,  
Cá no sertão eu infrento  
A fome, a dô e a misera.  
Pra sê poeta divera,  
Precisa tê sofrimento.

Sua rima, inda que seja  
Bordada de prata e de ôro,  
Para a gente sertaneja  
É perdido este tesôro.  
Com o seu verso bem feito,

Não canta o sertão direito,  
 Porque você não conhece  
 Nossa vida aperreada.  
 E a dô só é bem cantada,  
 Cantada por quem padece.

Só canta o sertão direito,  
 Com tudo quanto ele tem,  
 Quem sempre correu estreito,  
 Sem proteção de ninguém,  
 Coberto de precisão  
 Suportando a privação  
 Com paciência de Jó,  
 Puxando o cabo da inxada,  
 Na quebrada e na chapada,  
 Moiadinho de suó.

Amigo, não tenha quêxa,  
 Veja que eu tenho razão  
 Em lhe dizê que não mêxa  
 Nas coisa do meu sertão.  
 Pois, se não sabe o colega  
 De quámanêra se pega  
 Num ferro pra trabaiá,  
 Por favô, não mêxa aqui,  
 Que eu também não mêxo aí,  
 Cante lá que eu canto cá.

Repare que a minha vida  
 É deferente da sua.  
 A sua rima pulida  
 Nasceu no salão da rua.  
 Já eu sou bem deferente,  
 Meu verso é como a simente  
 Que nasce inriba do chão;  
 Não tenho estudo nem arte,  
 A minha rima faz parte  
 Das obra da criação.

Mas porém, eu não invejo  
 O grande tesôro seu,  
 Os livro do seu colejo,  
 Onde você aprendeu.  
 Pra gente aqui sê poeta  
 E fazê rima completa,  
 Não precisa professô;  
 Basta vê no mês de maio,  
 Um poema em cada gaio  
 E um verso em cada fulô.

Seu verso é uma mistura,  
 É um tá sarapaté,  
 Que quem tem pôca leitura  
 Lê, mais não sabe o que é.  
 Tem tanta coisa incantada,  
 Tanta deusa, tanta fada,  
 Tanto mistéro e condão  
 E ôtrosnegoçoimpossive.  
 Eu canto as coisavisive  
 Do meu querido sertão.

Canto as fulô e os abróio  
 Com todas coisa daqui:  
 Pra toda parte que eu óio  
 Vejo um verso se bulí.  
 Se as vêz andando no vale  
 Atrás de curá meus male  
 Quero repará pra serra  
 Assim que eu óio pra cima,  
 Vejo um diluve de rima  
 Caindo inriba da terra.

Mas tudo é rima rastêra  
 De fruita de jatobá,  
 De fôia de gamelêra  
 E fulô de trapiá,  
 De canto de passarinho  
 E da poêra do caminho,  
 Quando a ventania vem,  
 Pois você já tá ciente:  
 Nossa vida é deferente  
 E nosso verso também.

Repare que deferença  
 Iziste na vida nossa:  
 Inquanto eu tô na sentença,  
 Trabaiando em minha roça,  
 Você lá no seu descanso,  
 Fuma o seu cigarro mando,  
 Bem perfumado e sadio;  
 Já eu, aqui tive a sorte  
 De fumá cigarro forte  
 Feito de paia de mio.

Você, vaidoso e facêro,  
 Toda vez que quéfumá,  
 Tira do bôrso um isquêro  
 Do mais bonito metá.  
 Eu que não posso com isso,  
 Puxo por meu artifiço  
 Arranjado por aqui,

Feito de chifre de gado,  
Cheio de argodão queimado,  
Boa pedra e bom fuzí.

Sua vida é divirtida  
E a minha é grande pená.  
Só numa parte de vida  
Nóis dois samo bem iguá:  
É no dereito sagrado,  
Por Jesus abençoado  
Pra consolá nosso pranto,  
Conheço e não me confundo  
Da coisa mió do mundo  
Nóis goza do mesmo tanto.

Eu não posso lhe invejá  
Nem você invejá eu,  
O que Deus lhe deu por lá,  
Aqui Deus também me deu.  
Pois minha boa muié,  
Me estima com munta fé,  
Me abraça, beja e qué bem  
E ninguém pode negá  
Que das coisanaturá  
Tem ela o que a sua tem.

Aqui findo esta verdade  
Toda cheia de razão:  
Fique na sua cidade  
Que eu fico no meu sertão.  
Já lhe mostrei um ispeio,  
Já lhe dei grande conseio  
Que você deve tomá.  
Por favô, não mexa aqui,  
Que eu também não mêxo aí,  
Cante lá que eu canto cá.

### **Sou cabra da peste**

Eu sou de uma terra que o povo padece  
Mas nunca esmorece, procura vencê,  
Da terra adorada, que a bela caboca  
De riso na boca zomba no sofrê.

Não nego meu sangue, não nego meu nome,  
Olho para fome e pergunto: o que há?  
Eu sou brasileiro fio do Nordeste,

Sou cabra da peste, sou do Ceará.

Tem muita beleza minha boa terra,  
Derne o vale à serra, da serra ao sertão.  
Por ela eu me acabo, dou a própria vida,  
É terra querida do meu coração.

Meu berço adorado tem bravo vaquêro  
E tem jangadêro que domina o má.  
Eu sou brasileiro fio do Nordeste,  
Sou cabra da peste, sou do Ceará.

Ceará valente que foi munto franco  
Ao guerrêro branco Soare Moreno,  
Terra estremecida, terra predileta  
Do grande poeta Juvená Galeno.

Sou dos verde mare da cô da esperança,  
Que as água balança pra lá e pra cá.  
Eu sou brasileiro fio do Nordeste,  
Sou cabra da peste, sou do Ceará.

Ninguém me desmente, pois, é com certeza,  
Quem qué vê beleza vem ao Cariri,  
Minha terra amada pissui mais ainda,  
A muié mais linda que tem o Brasília.

Terra da jandaia, berço de Iracema,  
Dona do poema de Zé de Alencá.  
Eu sou brasileiro fio do Nordeste,  
Sou cabra da peste, sou do Ceará.

### **A triste partida**

Setembro passou, com outubro e novembro  
Já tamo em dezembro.  
Meu Deus, que é de nós?  
Assim fala o pobre do seco Nordeste,  
Com medo da peste,  
Da fome feroz.

A treze do mês ele fez a experiência,  
Perdeu sua crença



Nas pedra de sá.  
Mas nota esperiência com gosto se agarra,  
Pensando na barra  
Do alegre Natá.

Rompeu-se o Natá, porém barra não veio,  
O só, bem vermeio,  
Nasceu munto além.  
Na copa da mata, buzina a cigarra,  
Ninguém vê a barra,  
Pois barra não tem.

Sem chuva na terra descamba janêro,  
Depois, feverêro,  
E o mêmo verão  
Entonce o rocêro, pensando consigo,  
Diz: isso é castigo!  
Não chove mais não!

Apela pra maço, que é o mês preferido  
Do Santo querido,  
Senhô São José.  
Mas nada de chuva! ta tudo sem jeito,  
Lhe foge do peito  
O resto da fé.

Agora pensando segui ôtra tria,  
Chamando a famia  
Começa a dizê:  
Eu vendo mau burro, meu jegue e o cavalo,  
Nós vamo a São Palo  
Vivê ou morrê.

Nosvamo a São Palo, que a coisa tá feia;  
Por terras aleia  
Nós vamovagá.  
Se o nosso destino não fô tão mesquinho,  
Pro mêmo cantinho  
Nós torna a vortá.

E vende o seu burro, o jumento e o cavalo,  
Intémêrmo o galo

Vendêro também,  
 Pois logo aparece feliz fazendêro,  
 Por pôcodinhêro  
 Lhe compra o que tem.

Em riba do carro se junta a famia;  
 Chegou o triste dia,  
 Já vai viajá.  
 A seca terrive, que tudo devora,  
 Lhe bota pra fora  
 Da terra natá.

O carro já corre no topo da serra.  
 Oiando pra terra,  
 Seu berço, seu lá,  
 Aquele nortista, partido de pena,  
 De longe inda acena:  
 Adeus, Ceará!

No dia seguinte, já tudo enfadado,  
 E o carro embalado,  
 Veloz a corrê,  
 Tão triste, o coitado, falando saudoso,  
 Um fio choroso  
 Escrama, a dizê:

- De pena e sodade, papai, sei que morro!  
 Meu pobre cachorro,  
 Quem dá de comê?  
 Já ôto pergunta: - Mãezinha, e meu gato?  
 Com fome, sem trato,  
 Mimi vai morrê!

E a linda pequena, tremendo de medo:  
 - Mamãe, meus brinquedo!  
 Meu pé fulô!  
 Meu pé de rosêra, coitado, ele seca!  
 E a minha boneca  
 Também lá ficou.

E assim vão dexando, com choro e gemido,  
 Do berço querido  
 O céu lindo e azú.  
 Os pai, pesaroso, nos fio pensando,

E o carro rodando  
Na estrada do SÚ.

Chegaro em São Paulo - sem cobre, quebrado.  
O pobre, acanhado,  
Percura um patrão.  
Só vê cara estranha, da mais feia gente,  
Tudo é diferente  
Do caro torrão.

Trabaia dois ano, três ano e mais ano,  
E sempre no prano  
De um dia inda vim.  
Mas nunca ele pode, só veve devendo,  
E assim vai sofrendo  
Tormento sem fim.

Se arguma notícia das banda do Norte  
Tem ele por sorte  
O gosto de uvi,  
Lhe bate no peito sodade de móio,  
E as água dos óio  
Começa a caí.

Do mundo afastado, sofrendo desprezo,  
Ali veve preso,  
Devendo ao patrão.  
O tempo rolando, vai dia vem dia,  
E aquela famia  
Não vorta mais não!

Distante da terra tão seca mas boa,  
Exposto à garoa,  
À lama e ao paú,  
Faz pena o nortista, tão forte, tão bravo,  
Vivê como escravo  
Nas terra do sú.

## O Poeta da Roça

Sou fio das mata, cantô da mão grossa  
Trabaio na roça, de inverno e de estio  
A minha chupana é tapada de barro  
Só fumo cigarro de paia de mio

Sou poeta das brenha, não faço o papé  
De argummenestrê, ou errante cantô  
Que veve vagando, com sua viola  
Cantando, pachola, à percura de amô

Não tenho sabença, pois nunca estudei  
Apenas eu seio o meu nome assiná  
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre  
E o fio do pobre não pode estudá

Meu verso rastero, singelo e sem graça  
Não entra na praça, no rico salão,  
Meu verso só entra no campo e na roça,  
Nas pobre paioça, da serra ao sertão

Só canto o buliço da vida apertada,  
Da liga pesada, das roça e dos eito  
E às vezes, recordando feliz mocidade  
Canto uma sodade que mora em meu peito

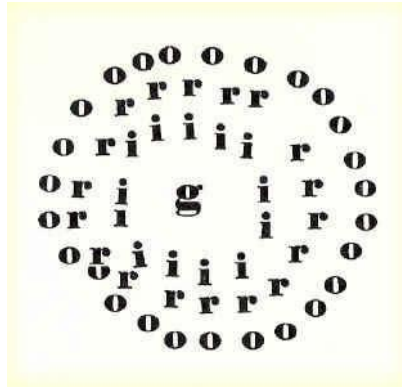
Eu canto o cabôco com suas caçada,  
Nas noite assombrada que tudo apavora,  
Por dentro da mata, com tanta corage  
Topando as visage chamada caipora.

Eu canto o vaquêro vestido de côro,  
Brigando com o tôro no mato fechado,  
Que pega na ponta do brabo novio,  
Ganhando lugio do dono do gado.

Eu canto o mendigo de sujo farrapo,  
Coberto de trapo e mochila na mão,  
Que chora pedindo o socorro dos home,  
E tomba de fome, sem casa e sem pão.

E assim, sem cobiça dos cofre luzente,  
Eu vivo contente e feliz com a sorte,  
Morando no campo, sem vê a cidade,  
Cantando as verdade das coisa do Norte

poema concreto



Disponível em:

[http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=18835,,,sobre a imagem](http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=18835,,,sobre%20a%20imagem). Acesso em: 15\09\2014